

KELVI COLARES

INTERPRETAÇÃO JUNGUIANA DO FILME MATRIX

**Artigo apresentado à Universidade de Franca,
como Trabalho de Conclusão de Curso, para o
curso de Bacharelado em Psicologia.**

**Orientação: Profª. Ma. Rita Aparecida Oliveira
Martins**

**FRANCA
2012**

INTERPRETAÇÃO JUNGUIANA DO FILME MATRIX

JUNGUIAN INTERPRETATION ON MATRIX: the filme.

Kelvi Colares¹

Rita Aparecida de Oliveira Martins²

RESUMO

Este artigo fez uma interpretação junguiana do filme Matrix. Os conceitos mais importantes a serem analisados e destacados no filme são também os conceitos mais importantes, ou talvez, os mais conhecidos dentro da teoria junguiana, a saber: o self, a persona, a sombra e os arquétipos do inconsciente coletivo e outros. Os resultados destacados neste trabalho são o aprofundamento em relação ao conhecimento dos fenômenos sociais de massificação, de instrumentos sociais, de fenômenos históricos e políticos, dos mitos de heróis, do salvador, do escolhido, da saúde e da doença mental, do fenômeno do materialismo científico, principalmente a individuação.

Palavras-Chave: arquétipos; individuação; persona; self; sombra.

ABSTRACT

This article aims at developing a Jungian interpretation of The filme Matrix. The most important concepts to be analyzed and highlighted in the film are also the most important concepts, or perhaps, the best known within the Jungian theory, namely: the self, the persona, the shadow and the archetypes of the collective unconsciousness and others. The results to be highlighted in this study are the deepening of our understanding of mass social phenomena of mass, social instruments, historical and political phenomena, myths of heroes, the savior, the chosen, health and mental illness, the phenomenon of scientific materialism, mainly individuation.

Keywords: archetypes; individuation; persona; self; shadow.

¹ Aluno do curso de Graduação em Psicologia – *Bacharel* da Universidade de Franca, 2012.

² Professora Orientadora da Universidade de Franca.

INTRODUÇÃO

O presente tema foi resultado de uma pesquisa de alguns anos no campo da psicologia e mais propriamente na psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

Os objetivos deste trabalho serão os de fazer uma análise mais profunda da teoria de Jung, através da interpretação do filme *Matrix*. Algumas das questões levantadas durante o período de pesquisas anterior à confecção do presente artigo foram, por exemplo, as questões ligadas ao conceito do “inconsciente coletivo” proposto por Jung e observados através do filme *Matrix*. Tais conceitos podem ajudar na compreensão do ser humano através de uma visão psicológica, parcialmente pautada em questões que podem ser interpretadas de forma a expandir o olhar no campo social, histórico, político e cultural, apenas utilizando os conceitos e instrumentos da teoria junguiana, que de certa forma se articula sobre estes vários eixos de discussão psicológica. Outros temas, como por exemplo, as tradições ocidentais calcadas em uma cultura judaico cristã, podem através da ótica junguiana, favorecer na compreensão de “arquetipos” importantes para a nossa cultura, alargando a nossa visão sobre as nossas representações de heróis, salvadores da humanidade, sobre os mitos e entre eles o mais representativo em várias culturas que é o mito do escolhido.

A metodologia deste trabalho se restringe a utilizar os conceitos retirados das várias obras de Jung, bem como de outras fontes, para que sirva de base para uma interpretação do filme *Matrix*, uma ficção escrita e dirigida pelos irmãos Wachowski (1999).

MATRIX, O PARADIGMA DA REALIDADE

Este trabalho de interpretação está baseado na teoria de Carl Gustav Jung³, e é centrado na interpretação junguiana do filme *Matrix*⁴, na história, em seu desenrolar e também nas representações simbólicas trazidas pelo próprio filme, onde se pretende fazer relações com um dos temas das pesquisas de Jung, conhecido como Arquetipos do Inconsciente Coletivo, talvez este seja o tema mais importante nesta interpretação, pois ela mostra através da luta dos seres humanos com as máquinas o quanto o próprio ser humano, visto como coletividade, pode ser inconsciente, vivendo numa cultura artificial e sufocante, sem nem ao menos questionar sua posição frente às escolhas que faz em meio à coletividade, os resultados do trabalho da sociedade, ou da falta dele. De forma geral a cultura humana responde a formas arquetípicas desde a pré-história, mas para compreender melhor do que se tratam esses aspectos colocou-se a citação abaixo.

³ Carl Gustav Jung (Kesswil, 26 de julho de 1875 — Küsnacht, 6 de junho de 1961) foi um psiquiatra suíço e fundador da **psicologia analítica**, também conhecida como psicologia junguiana.

⁴ *Matrix* (no original em inglês: *The Matrix*) é uma produção cinematográfica norte-americana e australiana de 1999, dos gêneros ação e ficção científica, dirigido pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves, no papel de Neo.

“Arquétipos são imagens recorrentes no inconsciente coletivo (formas-pensamento), que expressam e definem uma situação. São mais que um ícone, pois contêm uma grande carga de emoção (além da informação) que é transmitida a quem vê. Uma vez que esses arquétipos são assimilados pela pessoa, são trabalhados individualmente, podendo até assumir o controle da personalidade (no caso da Sombra). Não é preciso entrar em contato sensorial com os arquétipos para que eles atuem, já que cada indivíduo nasce com acesso a toda a ‘Biblioteca de Arquétipos’, via Inconsciente Coletivo”.(ACID, 2010).

A partir da definição de ACID (2010), iniciamos nossa interpretação junguiana do filme Matrix, filme que inicia com data retroativa a 19 de fevereiro, de 1998, às 13:24 (tempo cronológico do filme). Isso porque o filme propõe que, a própria realidade de 1998, é uma realidade criada artificialmente e não real. Trata-se de uma brincadeira muito inteligente do autor, com a questão do tempo real.

O filme traz uma idéia apocalíptica de um mundo sendo dominado por máquinas, onde os seres humanos hibernam em casulos, conectados a um programa de computador chamado Matrix; crendo que a vida virtual que vivem em Matrix, é a sua verdadeira vida, sem ter consciência de que são utilizados pelas máquinas – que dominaram o mundo no ano de 2199 – como baterias humanas, em locais que as máquinas denominaram de “campos de cultivo (humano)”. O filme mostra também uma cena que deixa entender que os seres humanos são produzidos em úteros artificiais, para serem colocados nos “campos de cultivo (humano)”.

Do ponto de vista junguiano podemos inferir que, trata-se da tentativa do autor de Matrix, de esboçar no inconsciente dos espectadores do filme, uma forma velada de *metempsicose*, pois o filme dá a entender em suas entrelinhas, que a partir do domínio das máquinas, que transferiu os seres humanos para o mundo virtual de Matrix, fazendo com que todos perdessem, não só as memórias de sua vida real, mas ainda perdessem a sua identidade verdadeira, o sentido de suas existências e passassem a viver num tempo que historicamente já havia passado, ou seja em 1989.

INCONSCIENTE COLETIVO, SOMBRA E PERSONA

Na realidade de Matrix, quando recorremos à idéia de Jung da persona, a mascara - explicada por Jung em seu livro “O Eu e o Inconsciente - em que trata da representação ritual do “Eu”, pelos povos considerados primitivos – verificamos que o homem dito, civilizado, vive quase que na mesma situação, afastado de si mesmo, por conta do afastamento de sua própria natureza.

“Por estes e outros meios, o primitivo cria um invólucro que o cerca, que pode ser designado como persona (máscara). Como sabemos, os primitivos usam máscaras nas cerimônias do totem, como meios de exaltar ou transformar a personalidade. Desta forma, o indivíduo favorecido é aparentemente afastado da esfera da psique coletiva e, na medida em que consegue identificar-se com sua persona, é realmente afastado. Tal afastamento significa prestígio mágico.” (JUNG, 1987, p. 36)

A idéia de que a própria sociedade pode piorar suas próprias condições de vida social, embutida no filme, baseada na idéia de que a tecnologia não apenas resolve os problemas da humanidade, como pode piorá-los de um modo bastante significativo, sugere que a persona coletiva, é ainda muito dominante, pois gera seu oposto, a Sombra, a força incontrolável e inesperada.

É muito fácil notar o papel sombrio das mascaras quando observamos que o ser humano abraça para si e coletivamente, as bandeiras de muitas lutas que numa instância individual não é sua em absoluto. A exemplo disso pode-se notar, por exemplo, que basta que um indivíduo exiba uma conduta antiética ou anti-social, para que a imensa massa se revista de uma persona punitiva, reprovadora, repressora ou mesmo autocrática, para promover a “higienização dos costumes e valores”. Isso não quer dizer que, aquele indivíduo que foge dos padrões socialmente impostos seja nocivo à sociedade como um todo. A exemplo disso podemos citar inúmeros mártires e gênios do passado, que através da história levantaram exércitos de perseguidores e acabaram por ser exterminados pela imensa massa, o mais famoso deles talvez seja o próprio Jesus Cristo, que foi morto pelos romanos a pedido de seu próprio povo, os judeus, por pregar idéias de amor e igualdade perante Deus. Assim como Neo, o personagem principal de Matrix, Jesus Cristo era um escolhido.

As aplicações sociais de sombra e persona, em se tratando de uma análise histórica e antropológica dos temas concernentes a este trabalho, podem revelar um ponto de vista, muito interessante de Jung, ao se confrontar tais conceitos com o coletivo humano e também com a temática do filme. Na medida em que as ciências avançaram sobre as crenças, no séculos XV, até o século XX, percebe-se que o papel do sagrado, deu lugar ao que vem sendo proposto como valor científico, uma noção mais exata e racional, e que não tem mais o pudor, antes mantido pelo sagrado, de sondar a natureza. A ciência não se utiliza de uma crença cega, mas da experimentação e comprovação dos fenômenos naturais.

Grandes descobertas e avanços científicos tornaram a representação do coletivo humano, de uma experiência mística e do sagrado, a uma experiência científica do descoberto, desesenredado, desvendado. Se antes os mistérios do universo não podiam ser revelados, passa a ter como seu principal e um dos primeiros contestadores, Nicolau Copérnico⁵, que deflagrou a grande derrocada dos conhecimentos impostos pela igreja, e foi seguido por outros como René Descartes⁶, Sir Isaac

⁵ Nicolau Copérnico (em polaco: *Mikołaj Kopernik*; em latim: *Nicolaus Copernicus*; Torun, 19 de Fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de Maio de 1543) foi um astrônomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Sua teoria do Heliocentrismo, que colocou o Sol como o centro do Sistema Solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica (que considerava, a Terra como o centro), é tida como uma das mais importantes hipóteses científicas de todos os tempos, tendo constituído o ponto de partida da astronomia moderna.

⁶ René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de março de 1596 — Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Durante a Idade Moderna também era conhecido por seu nome latino *Renatus Cartesius*. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na

Newton⁷ e talvez o mais notório na questão de enfrentar os conhecimentos de sua época, pois tirava o ser humano do exclusivismo de ser o único filho de Deus, criado à sua imagem e semelhança. Trata-se de Charles Darwin⁸, um dos pais ilustres da ciência moderna e da biologia.

Até o advento histórico da publicação das descobertas de Darwin sobre a evolução das espécies, o único paradigma que não podia ser questionado era que o homem era uma criação de Deus, a parte de toda criação, imagem e semelhança de Deus e já havia sido criado tal qual é. Já com a concepção de Darwin, o homem perde o seu lugar de destaque no universo e isso abre espaço para que o homem pense o próprio homem cientificamente como jamais o fizera.

À medida que o homem progride nessa experiência civilizatória e tecnocrática, pode-se observar, através da parodia cinematográfica de Matrix sobre a realidade, uma perda do referencial de “Eu”, que antes era posto e inquestionável pela força da crença obscurantista, em uma busca de um novo sentido, uma curiosidade sobre algo a ser revelado (re-velado), nascia então um novo homem, com a responsabilidade de pensar a si mesmo. Assim começa a busca do personagem principal Neo (pronuncia-se Nil, trocadilho com a palavra alemã, Null, que significa zero, o princípio de uma ordem numérica, ou mesmo, traz a idéia de nulidade, ou vazio, ou até mesmo “novo”). Ele aprende a viver por sua aspiração, que é primeiro libertar-se de algo que ele não conseguia ver ou saber, mas cuja opressão ele podia sentir em sua alma. Como Thomas A. Anderson (Neo), funcionário, de uma empresa de criação de softwares (programas para computador), ele tinha uma vida dupla, a outra vida era dentro dos computadores, onde a noite era um Hacker conhecido como Neo, que se beneficiava do lucro com a invasão de sistemas de computadores e venda de segredos de patente, ou seja, um indivíduo que por sua natureza desafiava sempre a ordem estabelecida questionava os padrões e se colocava além da própria alienação da sociedade.

O maior desejo de Neo, era saber o que era Matrix, e é assim que a história começa, quando Trinity, que é o segundo personagem mais importante do filme, vai em busca de Neo, juntamente com Morpheus, o terceiro na ordem de importância dos personagens, por acreditarem que Neo é o salvador da humanidade.

Ele buscou essa libertação desesperada e inconscientemente, e foi ajudado por Morpheus e Trinity a sair de Matrix. A cena da saída de Neo de Matrix, é uma parodia feita pelo autor com a

filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Por fim, ele foi uma das figuras-chave na Revolução Científica.

⁷ Sir Isaac Newton (Woolsthorpe, 4 de janeiro de 1643 — Londres, 31 de março de 1727) foi um cientista inglês, mais reconhecido como físico e matemático, embora tenha sido também astrônomo, alquimista, filósofo natural e teólogo. Sua obra, *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*, é considerada uma das mais influentes em História da ciência. Publicada em 1687, esta obra descreve a lei da gravitação universal e as três leis de Newton, que fundamentaram a mecânica clássica.

⁸ Charles Robert Darwin FRS (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Foi laureado com a medalha Wollaston concedida pela Sociedade Geológica de Londres, em 1859.

história de Lewis Carrol, em que a menina Dorothy atravessa o espelho. A seguir um trecho muito interessante da história de Lewis que ilustra satisfatoriamente o sentido dado ao filme pelo autor.

‘Ninguém está na estrada’, disse Alice. Ah se eu tivesse olhos assim”, o rei observou num tom irritado. ‘Ser capaz de ver Ninguém! E, além disso, a uma tal distância! Ora, o máximo que consigo com essa luz é ver pessoas de verdade!’ (CAROL, 1970, p. 279).

Trecho original em inglês:

‘I see nobody on the road’, said Alice. “I only wish I had such eyes”, the King remarked in a fretful tone. “To be able to see Nobody! And at that distance too! Why, it’s as much as I can do to see real people, by this light”. (CAROL, 1970, p. 279)

A idéia de ver a si mesmo, de enxergar a si mesmo, de ter olhos para ver, de poder sondar as profundezas da própria alma e conseqüentemente a alma dos outros é o que torna a visão de Neo algo especial, o mergulho na realidade de Matrix, foi até certa medida o que pode depor a máscara da realidade de Neo e todos os outros que estão ligados à Matrix, revelando a sua própria origem, essência e natureza. Mergulhar no espelho, tanto para a garotinha Dorothy, personagem de Lewis Carrol, quanto para Neo, tem esse significado mágico, que marca o início da caminhada rumo à individuação e também marca nossa própria condição humana, de um ser que consegue ver a si mesmo em seu reflexo no espelho, o próprio universo individual tomando consciência de si mesmo, que se reconhece como algo que não conhecia.

A alusão que se faz com o espelho é tema encontrado nas obras de Jung no trecho abaixo (do Livro, Arquetipos do Inconsciente Coletivo), pretende-se voltar ao tema do sagrado em contraposição ao saber comprovado cientificamente, fazendo uma ponte com os limites da sombra na experiência coletiva e humana.

‘BRUDER KLAUS rompeu com o convencional e com a tradição, ao abandonar sua casa e família, indo morar sozinho por muito tempo, mergulhando seu olhar tão profundamente no espelho escuro, que a experiência primordial miraculosa e terrífica o colheu. Nesta situação, a imagem dogmática da divindade, desenvolvida através dos séculos, teve nele o efeito de uma poção salutar de cura. Ajudou-o a assimilar a irrupção fatal de uma imagem arquetípica, a fim de evitar seu próprio estilhaçamento.

ÂNGELO SILÉSIO não foi tão feliz; as contradições internas o desintegraram, pois em sua época a firmeza da Igreja que garante o dogma já estava abalada’. (JUNG, 2000, p. 23).

No caso de Klaus, referido na citação acima, é importante destacar que, pela imersão na psicose, perde-se muitas vezes o referencial de “eu”, mas pela capacidade de se reconhecer-se como um indivíduo, único, pleno de capacidades e portador de uma identidade, ainda que esta seja sua

própria auto concepção, ainda que está seja sua mascara mais superficial, como diz o próprio Jung (1865-1961), o efeito é “salutar de cura”. Tal efeito é o que se esperava, quando Neo ingere a pílula e mergulha no espelho, acordando fora de Matrix e na verdadeira realidade.

Já no caso citado acima, de Angelo Silésio, o problema é ainda mais grave, pois a falta de assimilação das contradições internas pode gerar tal caos, que mesmo com os liames mais rígidos dos padrões socialmente estabelecidos, da cultura e da religião, alguns sujeitos sucumbem à perda do referencial de eu e acabam por fazer o mergulho no inconsciente, de onde muitos não retornam até que possam dizer *temet nosce*⁹.

Como se pode perceber na citação acima, a conexão entre a persona, a sombra e o sagrado e o científico, são simbolizados de forma muito marcante em Matrix e na própria humanidade, já que Matrix, sugere fortemente uma tentativa, fictícia, de reproduzir esse mesmo simbólico humano e isso fica claro a partir da compreensão dos arquétipos colocados no próprio filme, não se sabe até que ponto, de maneira proposital pelo autor.

A persona, ou o que se pode personificar, em termos de inconsciente coletivo, é visível nos arquétipos da humanidade que tratam do sagrado, do velado, tanto quanto do científico e real, pois ambos são uma produção humana, são a própria cultura, ou o que pode ser comprovado cientificamente. Ambos, cultura e persona, quando confrontados, podem ser reduzidos a simples falácias humanas, já que ambos são persona, tanto o sagrado quanto o científico são criação do homem, o que leva à idéia de algo coletivo e o que provavelmente revelou a Jung, através da persona, os arquétipos do inconsciente coletivo. Porém ao observarmos a ação da sombra sobre os arquétipos de personalidade universal, notamos que ao deixar o terreno do sagrado, onde o homem não podia sondar além do tangível, e adentrar no terreno do científico, a sombra ganha proporções gigantescas, pois tudo que era proibido agora se torna poder, tudo que era consciente se torna inconsciente coletivo, se antes o homem era vigiado e mantido na ignorância de si e do todo, agora pode ousar, pode tentar controlar e conhecer a si mesmo e à toda a natureza.

OS LIMITES DA SOMBRA E O ESPELHO NA INFLAÇÃO DO EGO

As grandes descobertas realizadas com o advento das ciências clássicas, a física, a química a biologia entre outras, proliferaram, tanto no sentido de produzir descobertas felizes quanto catastróficas, como a penicilina, a bomba atômica, a teoria da relatividade, a evolução das espécies, e a própria descoberta do inconsciente, o nazismo e etc.

Os limites da sombra, agora são desconhecidos, assim como os limites do universo, e o que se busca é resgatar o espiritual, pois a ordem antes estabelecida, se traduziu agora em liberdade sem limites para a criação humana, fato que não coaduna com as imagens da persona, pois a persona

⁹ Do latim: conhece a ti mesmo.

necessita de limites, de delimitar os limites do outro, principalmente no que se refere ao contexto coletivo. Os limites para o convívio social humano, são uma das peças fundamentais para a manutenção da sociedade. Não se questiona aqui o fato de que, esses limites são como recalques que reduzem a visão do homem no intuito de defender seus valores. Mas pode-se inferir até que ponto é salutar para a sociedade, que não se possa ver além desses limites, que não se possa tirar de sobre os ombros da sociedade o peso de uma neurose coletivamente instituída desde a base da civilização¹⁰. A sociedade ao invés de permitir que a sombra seja propagada por todos os meios, mantendo a grande massa na obscuridade, poderia agir de forma inteligente e consciente promovendo a saúde ao invés da doença, a revelação do papel da persona, ao invés da vida nas sombras.

No trecho em que Neo é levado a presença de Morpheus pela primeira vez, segue-se um diálogo muito interessante:

Morpheus: Vou te dizer porque está aqui.
 Você sabe algo.
 Não consegue explicar o que.
 Mas você sente.
 Você sentiu sua vida inteira.
 Há algo errado com o mundo, você não sabe o que é mas há.
 Como um zunido na sua cabeça, te enlouquecendo.
 Foi esse sentimento que te trouxe até mim (MATRIX, 1999).

Poderíamos considerar esse trecho como uma tentativa de Morpheus, em persuadir Neo sobre a realidade oculta e que ele mesmo já havia percebido, como a busca do self, do destino final do “si mesmo”, da auto realização, colocada nas teorias de Jung.

O personagem Morpheus, talvez tenha sido concebido de forma intencional, pois até o nome sugere a metamorfose, através da qual passam os místicos em seus estágios iniciáticos, para assumir uma outra identidade, renovada e transformada. Nesse sentido a função de Morpheus é fundamental para o início da busca de Neo, e talvez seja este mesmo personagem, embutido em cada indivíduo que de o primeiro impulso para a auto-realização e para o início da caminhada rumo à individuação.

O espelho é colocado em várias cenas do filme, no momento em que Neo é preso pelos agentes de Matrix, no momento em que ele toma a pílula e desperta fora da Matrix e em todos os momentos em que o personagem vive fatos que tem uma importância fundamental, no sentido de transformar a sua visão de si mesmo, reposicionando, readaptando, criando a assimilação e acomodação de fatos internos e externos para Neo, ou seja, experiências carregadas de um profundo questionamento sobre os valores individuais, como uma olhada no espelho, uma visão nova de si

¹⁰ Nota do autor: deve-se levar em consideração que Jung, ao contrario de Freud, ousou dizer que a neurose é sim uma doença tratável pelo viés da individuação.

mesmo em cada situação, que exige uma readaptação. Experiências de perda, luto, aprisionamento, doença, êxtase, e outras que atingem a base da relação do indivíduo com o ponto de origem da vida e do fluxo de libido para os objetos internos e externos com os quais nos relacionamos, de maneira geral, causam esse “olhar para dentro”. As próprias fases da vida, vão proporcionando esse movimento rumo ao outro, além de si mesmo e o “eterno retorno” ao que é “transpessoal”.

‘[...] os conteúdos psíquicos transpessoais não são inertes ou mortos e, portanto, não podem ser manipulados à vontade. São entidades vivas que exercem sua força de atração sobre a consciência. A identificação com o próprio cargo ou título pode ser muito tentadora, mas é o motivo pelo qual tantas pessoas não são mais do que a dignidade a elas concedida pela sociedade. Procuraríamos em vão uma personalidade atrás da casca. Sob o envoltório pomposo encontraríamos um homenzinho deplorável. O cargo ou qualquer tipo de casca exterior exerce um grande fascínio, porque representa uma fácil compensação das deficiências pessoais.’ (JUNG, 1987, p. 31).

A representação frágil das próprias deficiências é o que força o neurótico a se adaptar, a deixar o movimento de repetição ao qual está fadado – por empobrecimento das próprias funções de adaptação em detrimento de uma vida estável no seio da civilização – e assumir um novo fôlego, a lutar contra suas próprias tendências já enrijecidas, olhando para a sua própria condição e tentando compreender e assimilar o quanto possível de suas deficiências pessoais. Mas muitos caem durante este processo, pois a força da sombra, dos conteúdos do inconsciente coletivo e as máscaras, bem como de qualquer outro arquétipo, podem ser tão salutares quanto terrivelmente destrutivos e violentos.

As experiências individuais e as coletivas, que tem relação com os processos de realização transpessoal, são em certa medida, chaves muito interessantes para compreender os motivos que levam tantos seres humanos a ter uma visão direta e até certo ponto completa das forças que atuam no inconsciente coletivo. A metáfora de Neo, no filme Matrix, é a metáfora de todos os seres humanos, que por ventura um dia tiveram um contato mais direto e conseguiram traduzir, mesmo que minimamente, os conteúdos do inconsciente coletivo, transformando esses conteúdos em matéria vital para a individuação.

Entretanto, a inflação não é provocada apenas por atrações exteriores tais como títulos, cargos, ou outras regalias sociais. Estas constituem os fatores impessoais externos, na sociedade e na consciência coletiva. Mas assim como além do indivíduo há uma sociedade, do mesmo modo além da psique pessoal há uma psique coletiva: o inconsciente coletivo, que encerra, [...] fatores não menos atrativos. Por conseguinte, do mesmo modo que um homem pode ser fascinado de repente pelo mundo de sua dignidade profissional [...], outro pode desaparecer com a mesma rapidez diante de uma daquelas poderosas imagens que transformam a face do mundo. Referimo-nos às mágicas "représentations collectives", que estão à base do "slogan" dos americanos, do chavão e, num nível mais alto, da linguagem do poeta e do místico. (JUNG, O Eu e o Inconsciente p.31).

Certamente não é fácil deduzir o quão subliminar possa ser a influência de tais mecanismos na vida coletiva. Desde as propagandas de cigarros que apresentam as “representations collectives” de status e beleza sedutora, até as imagens escondidas de pura sensualidade em alguma capela onde o sacerdote faz discursos de reprovação a tudo que é manifestação do desejo.

Basta que haja um ego inflado em algum lugar e lá veremos um homem preso às “representations collectives”.

O CAMINHO DO SELF E A INDIVIDUAÇÃO

Foi feito até este ponto do trabalho, um esforço no sentido de interpretar Matrix por uma vertente junguiana, porém mais do que isso, trata-se de uma tentativa de compreender o que convencionou chamar Jung, de processo de individuação, o caminho do self, ou mesmo o eterno par de opostos, encontrado pelo homem em seu “processo natural de decifração dos símbolos universais”, numa tentativa de reconciliação dos elementos antagônicos da psique. Não se trata de um processo de relacionar símbolos e idéias, tal qual se faz rotineiramente ao interpretar uma placa de transito, o que se quer tratar aqui, é da simbolização como um processo de aprendizado universal, de forma a nos remetermos ao que pode ser encontrado, assim como fez Jung, em sítios arqueológicos e toda a compreensão sobre o conhecimento humano que este movimento representa. A própria historia do saber.

Naturalmente, apenas constatar a existência dos símbolos e depois afastá-los, não teria resultado algum e, simplesmente, restabeleceria o antigo estado neurótico, destruindo uma tentativa de síntese. Síntese essa que é o ponto mais importante da análise psicológica de Jung, e fundamento para o presente trabalho.

Abaixo vemos uma representação gráfica da psique, tal qual foi concebido pelo próprio Jung, ela nos mostra que o todo indivisível do self, que é capaz de abarcar os aspectos da personalidade, na forma de um complexo esférico e tridimensional em que o self se condensa a medida que se aproxima do centro, sendo que o ego (A) é apenas um reflexo luminoso do Self e em seu extremo oposto a obscuridade é a representação da sombra (B). Forças antagônicas e complementares extremamente ramificadas ligam as extremidades ao centro e o centro às extremidades num movimento vital simbiótico de forças entre a totalidade, o inconsciente e o mais brilhante e coletivo.

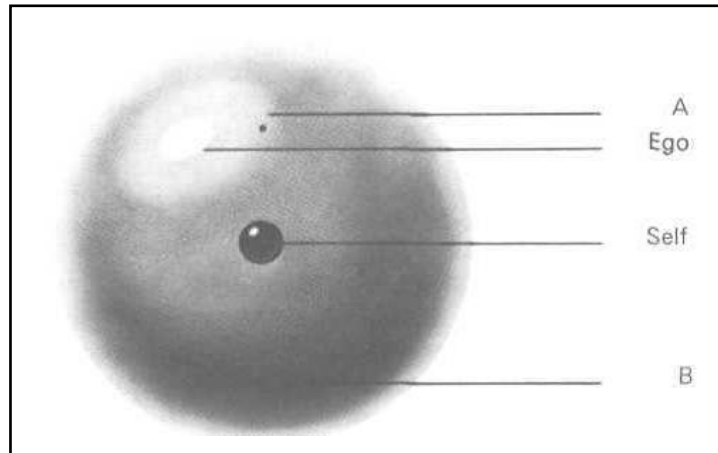


Figura 1: Representação da psique
Fonte: Jung, 1977, p.161

A LIBERTAÇÃO DE MATRIX

Morpheus na continuação do diálogo pergunta a Neo:

Morpheus: Você sabe do que eu estou falando?

Neo: Matrix?

Morpheus: Você quer saber o que é Matrix?

A Matrix está em todo lugar;

À nossa volta, mesmo agora nesta sala.

Você pode vê-la quando olha pela janela, ou quando liga a televisão.

Você a sente quando vai ao trabalho.

Quando vai à igreja.

Quando paga seus impostos.

É o mundo que é colocado diante de seus olhos.

Para que você não visse a verdade.

Neo: Que verdade?

Morpheus: Que você é um escravo! (MATRIX, 1999).

O que se percebe nessa cena é Neo, sendo preparado, como se prepara um indivíduo para algum tipo de ritual de iniciação, e logo após, Morpheus, oferece a Neo duas pílulas, uma azul que faria Neo dormir, e acordar em seu quarto e outra vermelha que iniciaria o processo de libertação de Neo de Matrix.

A questão proposta na cena é interessante, do ponto de vista dos rituais de iniciação estudados em profundidade por Jung em povos, ditos “mais primitivos”, e a utilização de substâncias que alteram significativamente os estados de consciência, como o *Peiote*, o *Aiwasca*, o *Chá de Santo Daime*, que são substâncias empregadas até nossos dias, com o intuito de criar uma suposta experiência mística e libertadora.

Observe na foto da cena (Foto 2, a seguir) a importância dada aos óculos espelhados de Morpheus e a dualidade representada propositalmente na imagem refletida de Neo, em ambas as lentes, cada qual mostrando uma mão que segura uma pílula azul e vermelha separadamente. Seria

interessante notar inclusive que, este efeito óptico é impossível, pois vista sem os efeitos hollywoodianos, as lentes refletiriam ambas, a cena como um todo, e não apenas uma metade em cada uma.



Foto 1: Neo e a escolha da pílula azul ou vermelha.

Fonte: Matrix, 1999.

Pode-se pensar sobre as eternas imagens contidas na crença religiosa e mística, da escolha entre o bem e o mau, e tudo que essa escolha representa. A aceitação do que vem a ser imposto de forma objetiva e que aprisiona o homem em sua casca de representação da persona, ou o ir além na descoberta, o “self”, em sua caminhada através da vida. A teóricos que dizem que uma vez desencadeado este processo e tomada a via do self, o indivíduo, nunca mais volta ao que era antes, pois a ante-visão do self, mesmo que ainda não realizado, pode ser considerado o “start” e “ponto sem retorno” no processo de Individuação descrito por Jung, e quando pouco, um processo importante de auto conhecimento.

Morpheus: Está é sua ultima chance.
Depois não há como voltar.
Se tomar a pílula azul, a história acaba e você acordará na sua cama e pode acreditar no que quiser.
Se tomar a pílula vermelha, ficará no ‘País das Maravilhas’ e eu te mostrarei até onde vai a ‘Toca do Coelho’ (MATRIX, 1999).

O trecho acima faz referência à obra de Lewis Carol, intitulada “Alice no País das Maravilhas”, em que a personagem Alice é guiada por um coelho, através de uma toca mágica e vai parar no “País das Maravilhas”. É interessante notar que há ai uma tentativa, e talvez o êxito, em relacionar os arquétipos de super herói e do mago que procura realizar sua própria alquimia interna, todos condensados em Neo.

Após tomar a pílula vermelha, vem uma cena muito importante do filme, que é quando Neo, deixa o mundo virtual de Matrix e acorda em um casulo nos “campos de cultivo (humano)”. A cena

também nos remete a um segundo nascimento, pois transmite a idéia de um bebe saindo da placenta, em meio ao líquido amniótico e muitos outros elementos, como um robô médico que faz o desligamento de seu cordão umbilical, que nesse caso é uma conexão feita por cabos diretamente no cérebro de Neo. Logo após o corte do cordão, Neo desce por um duto que lembra outra experiência marcada fortemente como experiência transpessoal nos seres humanos, que inclusive é citada como uma das mais traumáticas e que alguns teóricos dizem estar marcadas em nossa memória genética. A experiência da mórula que desce pelas trompas antes de se nidificar no útero materno. Este é um fato extremamente questionável e polemico e que divide a comunidade científica e médica. Porém não se pode negar que a experiência vivida por Neo ao descer os dutos cheios de água em queda livre, infunde um certo medo ancestral em quem assiste a cena. Talvez esse fato se deva a algum resquício de memórias que tenham ficado de nossa viagem até o útero após a concepção propriamente dita, mas qual seria o grau de consciência que o ser humano possui nesse estágio de sua vida? É algo que só poderia ser questionado com um avanço científico estrondoso nesse sentido, ou seja, a ciência atual não dispõe, salvo engano, de instrumentos para fazer tal busca.

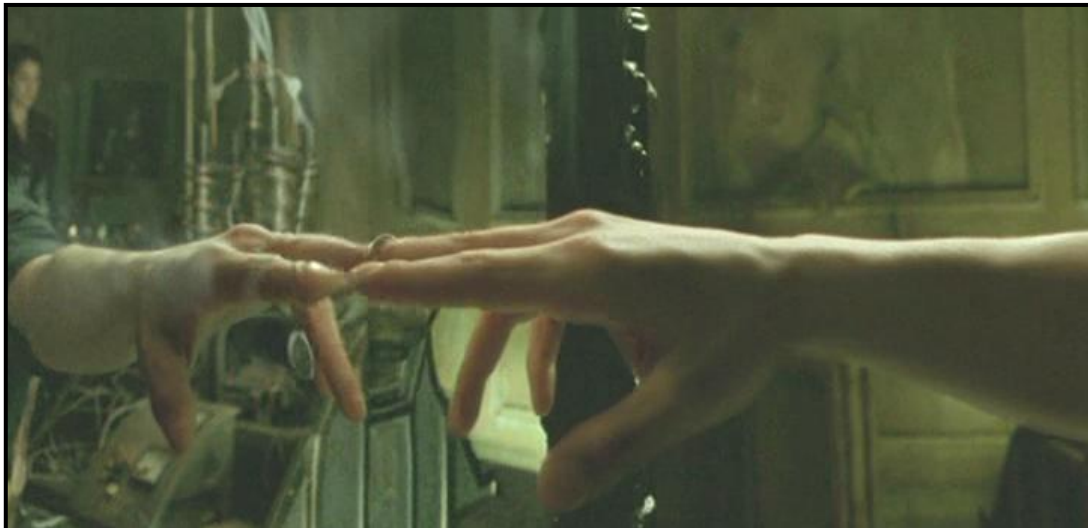


Foto 2: Neo alucinado pela pílula atravessa o espelho.

Fonte: Matrix, 1999.

Na cena a seguir, Neo rompe o casulo e já esta fora da Matrix, em seu corpo real, a cena é muito chocante, principalmente quando vista pela primeira vez, e nos remete quase que instantaneamente a um medo, ou mesmo a um pavor ancestral, o trauma do nascimento, que segundo algumas correntes psicológicas, está registrado em nossa memória inconsciente, como um dos fatos mais traumáticos de nossa vida.

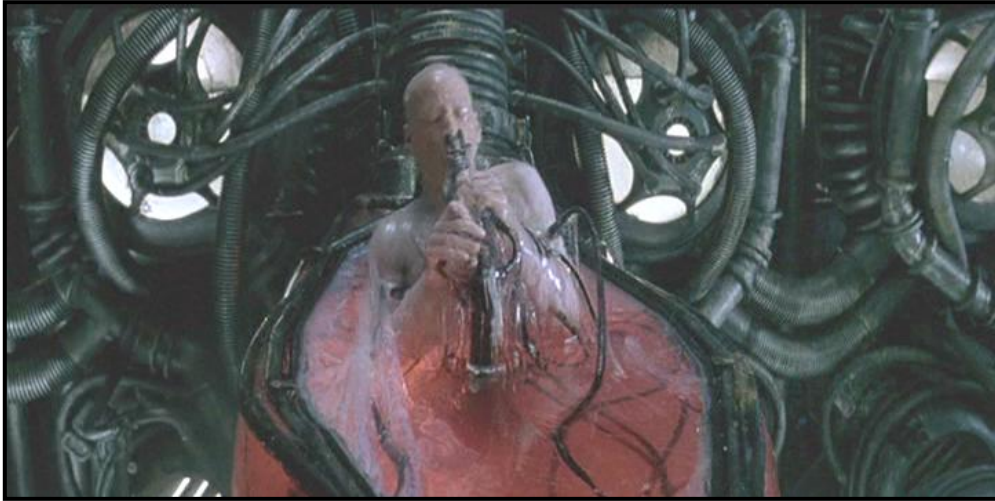


Foto 3: Neo despertando em Matrix.

Fonte: Matrix, 1999.

Depois de acordar fora da Matrix, Neo é levado por Morpheus a experimentar um outro programa de realidade virtual, para que possa entender melhor o que é Matrix, porém agora de uma maneira totalmente consciente, o diálogo que se segue dentro do simulador de realidade, onde Neo e Morpheus se encontram é, por incrível que pareça, quase um diálogo Junguiano:



Foto 4: Neo e Morpheus dialogam dentro de um simulador de realidade.

Fonte: Matrix, 1999.

Morpheus: Esta é a construção, nosso programa de carregamento, podemos carregar tudo daqui, roupas, equipamentos, armas, simulações de treinos, qualquer coisa que precisamos,

Neo: Estamos dentro de um programa de computador?

Morpheus: É realmente tão difícil de acreditar? Suas roupas são diferentes, os plugs nos seus braços sumiram, e seu cabelo está diferente. Sua aparência agora é o que chamamos de auto-imagem residual (Residual Self Image, na tradução direta). A projeção mental do seu eu digital (MATRIX, 1999).

Entendamos por “auto imagem residual” a persona. Assim como o residual individual que a persona cria de si mesma para representar seu papel diante dos outros e de certa maneira ocultar o seu verdadeiro eu aos outros, bem como de si mesmo, muitas vezes foi chamado de persona, assim também pode-se fazer uma analogia entre a descoberta do “Eu” de Neo e das possibilidades que esta descoberta proporciona.

Um exemplo de persona citado no livro “O homem e Seus Símbolos” com prefácio de Jung, é o estilo de vestimenta dos Beatnicks, da Inglaterra dos anos 60, que comunica seu modo de ser ao mundo e muitas vezes se confunde com algo que o próprio sujeito pensa como originalmente seu, ou resíduo de sua auto-imagem, como mostra na foto destacada do livro e colocada abaixo.



Foto 5: Bietnicks .dos anos 60

Fonte: Jung, 1977. p.282.

Esta idéia seria importante para ajudar a compreender que o ser humano não possui em seu ferramental comportamental, um dispositivo ou função já desenvolvido, ou mesmo adaptado, para fazer naturalmente a sua separação dicotômica entre o eu e a persona, a não ser que aprenda a fazer isso, seja pelas experiências de vida, ou mesmo porque alguém o tenha ensinado a fazer esta separação. No caso de Matrix, o peso do personagem Morpheus cresce sobre Neo, como o papel de um guia espiritual desempenhando o papel de iniciador num ritual de passagem.

Voltando ao assunto do inconsciente pessoal e coletivo, procurando dar um pouco mais de ênfase a questões ainda não pontuadas neste trabalho, recorreremos ao parágrafo 243-44 do livro de Jung, chamado de “O Eu e o Inconsciente”, para reafirmar algumas questões pertinentes ao tema, do Inconsciente Coletivo, tentando elucidar melhor as questões que surgem daí.

‘Mencionei antes que, na análise do inconsciente pessoal, a primeira coisa a ser acrescentada à consciência é constituída por conteúdos pessoais; sugeri que tais conteúdos reprimidos podem ser conscientizados, representando o que poderíamos chamar de inconsciente pessoal. Mostrarei também que, através da anexação das

camadas mais profundas do inconsciente, para as quais propus o nome de inconsciente coletivo, se produz uma ampliação da personalidade, que pode levar à inflação'. (JUNG, 1987, p. 31).

Ao definir o inconsciente coletivo, desta maneira, Jung pontua uma nítida diferença entre o Inconsciente Pessoal de Freud, mas também cria um novo ramo de interesse para a pesquisa da psicose, que então passa a descrever como uma inflação do inconsciente coletivo, e um predomínio sobre o consciente. Fato este que também revela o conteúdo do inconsciente coletivo, possibilitando a sua diferenciação do inconsciente pessoal.

Pode-se inferir que, essa manifestação do inconsciente coletivo, sendo parte das camadas mais profundas da personalidade do indivíduo, agrega qualidades que podem ser apreciadas em figuras do coletivo. De fato a segmentação do inconsciente, proposta por Jung, é descrita por ele da seguinte forma:

“Continuando a análise, acrescentamos à consciência pessoal, certas qualidades básicas e impessoais da humanidade, fato este que desencadeia a inflação descrita anteriormente e que pode ser encarada como uma das conseqüências desagradáveis da plena conscientização”. (JUNG, O Eu e o Inconsciente p.31).

Volta-se novamente sobre este tema simplesmente para reforçar o papel constitucional da auto-imagem, ou do si mesmo do qual Jung se utiliza para explicar os variados papéis, com os quais nos identificamos, e passamos a representar de maneira a não questionar sua autenticidade, neste sentido a persona é como que um mecanismo de defesa contra a experiência de contato com o inconsciente coletivo. Não sabemos, segundo o pensamento de Jung, qual é o nosso verdadeiro eu, em função do nosso envolvimento com a persona. Podemos ser não só a representação de um pai a castrar e tentar parasitar a vitalidade de seus filhos, de uma mãe na tentativa da fusão de personalidade com seu bebê, de um profissional da segurança tentando manter a ordem a qualquer custo, ou de um religioso a esmagar toda a criatividade de um pobre pecador, ou ainda tudo isso ao mesmo tempo, constituindo a nossa própria persona.

Ao observarmos a surpresa de Neo, ao se deparar com outra realidade, uma realidade, que sempre foi dele, porém estava oculta na concepção de coletivo, mergulhado na crença de que o papel que representava em Matrix, fosse algo real, encontramos aí a forma, mais ou menos, implícita da cisão, um rompimento repentino com vínculos existenciais que constituíam o próprio mundo de Neo. Mas guardadas as proporções e particularidades das diversas situações, quantos não passam por esse tipo de sofrimento ao se depararem com a perda de algum referencial de sua vida e identidade, como uma casa, um filho, sofrendo uma separação já em idade avançada, ou um revés mais duro da vida, estas são tidas como experiências transpessoais, que levam ao questionamento da realidade.

Esse rompimento já é de alguma forma esperado no enredo do filme, podemos, por exemplo, recorrer a algumas formas de analogia, porém não com o filme, mas com esses indivíduos que se aproveitam da formação das imagens do inconsciente coletivo, ou como são revelados por Jung, para influenciar a mente das pessoas que ainda estão mergulhadas em suas próprias representações da persona. Não é difícil encontrar homens que, a custa dessas crenças ancestrais, embutidas na fragilidade de uma personalidade ainda pouco explorada, conseguem obter a boa fé e dos desavisados, o sustento, conseguido a custa das manobras sobre o inconsciente coletivo alheio. Se por um lado temos os grandes heróis da humanidade, que fazem uso da força do inconsciente coletivo e dos materiais contidos nele, para liberar a consciência da sociedade, como fizeram Jesus, Buddha, Lao Tse, Maomé e outros, por outro lado temos os personagens que vivem promovendo o charlatanismo, mesmo no seio das ideologias políticas e da religiosidade pura do povo. Fala-se aqui dos sacerdotes farsantes, dos pastores infames e dos manipuladores políticos, dos nazistas, fascistas e outros. Para fundamentar melhor a extensão do estrago que esses indivíduos podem fazer, citamos o parágrafo 260, do livro de Jung, chamado de “O Eu e o Inconsciente”:

‘A segunda possibilidade seria a identificação com o inconsciente coletivo. Isto equivaleria a aceitar a inflação(da mente), exaltada agora como um sistema. Em outras palavras, o indivíduo poderia ser o feliz proprietário da grande verdade que o aguardava para ser descoberta, o senhor do conhecimento escatológico para a salvação das nações. Tal atitude não implica necessariamente a megalomania em sua forma direta, mas sim na forma atenuada e mais conhecida do reformador, dos profetas e mártires. As mentes fracas correm o risco de sucumbir a esta tentação, uma vez que geralmente se caracterizam por uma boa dose de ambição, amor-próprio e ingenuidade descabida. Abrir a passagem da psique coletiva significa uma renovação de vida para o indivíduo, quer seja agradável ou desagradável’. (JUNG, 1987, p. 31).

O Filme faz, de certa maneira uma alusão ao profeta, mártir, salvador, ou seja, o herói que possui em si a verdade da salvação. Mas a visão junguiana da verdade última não está fora do sujeito que a busca, e é nesse sentido que fala da questão da individuação, ou seja, de se tornar um ser único e que atualizou as potencialidades dessa individualidade, superando a inflação do inconsciente e deixando de ter essa cisão com a realidade mais próxima. No parágrafo 266-67 o livro O eu e o Inconsciente, Jung faz um observação muito interessante sobre a individuação, ao falar da função do inconsciente:

“caminho da individuação. Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos pois traduzir ‘individuação’ como "tornar-se si-mesmo" (Verselbstung) ou ‘o realizar-se do si-mesmo’ (Selbstverwirklichung)”. (JUNG, 1987. Par. 266, p. 60).

Por outro lado existe uma característica que acaba predominando em algumas pessoas do meio político e social, os quais se confrontam com uma forma falsa de idéia si-mesmo, em geral são pessoas que se encontram sob o julgo de um signo socialmente reconhecido, um ícone, são os policiais que se escondem por detrás de suas insígnias, os padres que se apóiam abusivamente sob o poder do símbolo da cruz, os juízes que fazem uso do poder da justiça, entre tantos outros que poderíamos citar, justificando o que Jung chama de “salbstisch”, o egoísta:

‘As possibilidades de desenvolvimento comentadas nos capítulos anteriores são, no fundo, alienações do si-mesmo, modos de despojar o si-mesmo de sua realidade, em benefício de um papel exterior ou de um significado imaginário. Em ambos os casos, verifica-se uma preponderância do coletivo. A renúncia do si-mesmo em favor do coletivo corresponde a um ideal social; passa até mesmo por dever social e virtude, embora possa significar às vezes um abuso egoísta. O egoísta (‘salbstisch’) nada tem a ver com o conceito de si-mesmo, tal como aqui o usamos’. (JUNG, 1987, Par. 266, p. 60).

As máquinas tirânicas de Matrix, são representadas por este arquétipo do “salbstisch”, o egoísta, pois alienadas que são, pertencem a um ideal de sistema onde o si mesmo, não tem lugar, sendo um perfeito paradigma de sociedade mecanicista, onde cada sujeito é apenas uma peça de engrenagem, que funciona de acordo com a totalidade do sistema, não importando que sua existência seja subjetivamente negada, em detrimento de uma personalidade coletiva. Uma vida amparada pela visão do todo, como são a vida dos insetos, que vivem em função do grupo ao qual pertencem, como as formigas, as abelhas, as vespas e outros, desprovidos de vontade própria, de noção de si mesmos e por isso mesmo, incapazes de pensar e discernir individualmente. Em outras palavras, desprovidos de individuação.

CONCLUSÃO

O que se pode concluir é que, seja como salvador, como super-herói, como mente relegada a um plano de vida ignorante ou primitivo, o que não se pode tirar do individuo é seu patrimônio mais humano, e todos os arquétipos que o podem representar.

O Jesus Cristo, Hitler, o mago, o super-homem, a bruxa, ou Neo, o salvador da humanidade, que vem lutar e vencer as máquinas que dominaram o planeta terra. Em todas estas expressões arquetípicas, está presente o criador de todas elas. O ser humano com todo seu patrimônio a ser explorado, seja biológico, psíquico ou social, consciente ou inconsciente, limitado ou infinito, predisposto ao bem ou ao mau, e subjugado a todas essas representações, dais quais bem poucos podem se dar conta, durante o curto período de vida que vivemos, em se comparando à vida das estrelas.

A humanidade ainda tem muito que caminhar, até conseguir um equilíbrio pleno e saudável entre as forças dinâmicas e antagônicas, porém complementares, que estão envolvidas na própria

gênese da humanidade, e das quais nós nunca nos afastaremos, por mais poder que a nossa racionalidade possa ter sobre os infinitos campos inexplorados do universo, ou por mais onipotentes e oniscientes em nossa ignorância arrogante primitiva, diante de nós mesmos e de nossa pequenez perante o cosmos, seremos sempre arrastados pelo poder da sombra, e da persona, até atingirmos o ponto máximo da realização do self, a individuação.

Na base biológica nos afastamos de todos os outros seres vivos ao nosso redor, pois todos eles buscam suas reservas energéticas no ambiente, mas também contribuem de forma sustentável com o equilíbrio. No caso do homem é exatamente o contrário, ele se tornou como um aglomerado de parasitário, que a todo custo suga a energia vital ao seu redor, seja escravizando seus semelhantes e levando-os uma vida miserável e subserviente, onde se perdem na alma de seu grupo e só conseguem manifestar sua infinita fonte de criatividade e vida, através de lampejos de arte, sublimação e dor, que sempre sedem à força que os impulsiona a estabilizar de forma neurótica submissa e castrada, seus impulsos mais legítimos de vida para conseguir manter uma, ou várias bocas famintas e cérebros enfraquecidos por uma desnutrição não só de alimento físico, mas de alimento para a alma.

REFERÊNCIAS

ACID, Paulo Rogério da. **ACID** 'S/autor', Base de Dados Tropical: BDT in Brasil. Disponível em <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=03419>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

CAROLL, L. "Through the looking -glass". With an introduction and notes by M. Gardner. In: _____. **The annotated Alice**. Lewis Carroll. New York: Penguin, 1970.

FREUD, S. **Moisés e o Monoteísmo**. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 23.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **O Eu e o Inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O homem e seus símbolos**. (Edição especial brasileira). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. O Significado da Constituição e da Herança para a Psicologia. In: **A Dinâmica do Inconsciente**. Par. 230. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 8.

_____. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis:Vozes 1991. v. 5.

_____. **Tipos Psicológicos**. Editora Vozes. Petrópolis: Vozes, 1991. v.6.

MOTTA, Paulo Rogério da. **Universo.com.br**. Base de Dados Tropical: BDT in Brasil. Disponível em: <<http://www.euniverso.com.br/Psyche/Psicologia/analitica/surgimentodaanalitica.htm>>. Acesso em: 29 maio 2010.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os colegas que sempre me apoiaram durante o meu bacharelado em psicologia, aos meus mentores espirituais, que possibilitaram a minha caminhada e me auxiliaram na compreensão de conceitos tão importantes para a minha vida pessoal e como psicólogo. Agradeço em especial à minha orientadora de trabalho de conclusão de curso, a professora Rita Aparecida Oliveira Martins, que foi fonte de inspiração e exemplo de vida e de conduta ilibada. E por fim agradeço a Deus pois é por intermédio dele que a vida é possível e que todas as obras dos homens se realizam.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Kelvi Colares
Endereço: Rua Eduardo Azzuz nº 1400
CEP: 14402-121
Telefone: (16) 8221 4462
E-mail: kelvi.colares@gmail.com